

-O. NOV. 1993

1424



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES
ANO I - N.º 47 - LISBOA, 9 DE ABRIL DE 1942 - PREÇO: 1 ESCUDO

O SR. CARDIAL PATRIARCA DE LISBOA pronunciando a homilia da Páscoa.

Faz agora 44 anos...

A conquista das Filipinas e a guerra Hispano-Americana de 1898

por S. Schmulevitz

DURANTE os primeiros meses de 1898, as relações entre os Estados Unidos e a Espanha iam-se agravando, cada vez mais.

Cuba, oprimida sob a dominação dos espanhóis, implorava socorro dos Estados Unidos; nas Filipinas, as revoltas sucediam-se com frequência. Se não fossem os interesses dos comerciantes de açúcar na produção de Cuba, os «yankees» não podiam consentir que uma nação americana fosse subjugada de tal modo. Diligências diplomáticas, no sentido de atenuar a sorte dos cubanos, resultaram inúteis.

A paciência dos americanos extinguiu-se quando, em 15 de Fevereiro de 1898, os espanhóis fizeram ir pelos ares o couraçado «Maine», que, no porto de Havana, velava pelos interesses americanos, declarando-se depois inocentes desse acto.

Dez dias depois, Long, secretário da marinha de Washington, ordenou ao comodoro Dewey, chefe da esquadra do Pacífico, que recolhesse a Hong-Kong, a fim de aguardar ali ordens de proceder a operações ofensivas, nas Filipinas, contra os navios espanhóis, caso estalasse a guerra.

Em princípios de Março, o Congresso votou um orçamento de 50 milhões de dólares para despesas militares. Em fins daquele mês, foi efectuada uma diligência diplomática em Madrid, no sentido de libertar os revoltosos prisioneiros em Cuba. A Espanha declarou-se disposta a apresentar a questão a uma comissão arbitrária, mas depois de ter submetido os insurrectos naquela ilha.

Acto contínuo, as Câmaras norte-americanas reconheceram, em 19 de Abril, a independência cubana, autorizando o Governo a intervir com a força das armas contra os espanhóis. Em 21, o ministro dos Estados Unidos em Madrid entregou um ultimato, no sentido da decisão do Congresso, ao que a Espanha replicou com o rompimento das relações diplomáticas. No mesmo dia, os americanos iniciaram as hostilidades, confiscando todos os navios espanhóis, ao seu alcance e enviando a esquadra para as Filipinas.

* * *

Raras vezes na História, o comandante dum armada terá estado tão certo da sua derrota, como o almirante Montojo, chefe da esquadra espanhola, naquêles últimos dias de Abril, quando o desenganço já era inevitável. Montojo conhecia a sua inferioridade perante a esquadra americana, consara-se de pedir reforços a Madrid, mas Moret e Bermejo, respectivamente ministros do Ultramar e da Marinha, apenas havia respondido com lástimas platónicas, e nada enviaram.

As 4 horas da manhã do dia 1 de Maio, a esquadra de Dewey, constituída por sete couraçados e dois transportes, apareceu em frente de Cavite, na

baía de Manila. Três quartos de hora depois, os espanhóis estavam prontos para o combate.

As 5 horas, a bateria da Punta Sangley rompeu fogo contra o inimigo, sem, no entanto, o alvejar. Passado um quarto de hora, os canhões do navio almirante espanhol «Reina Cristina» começaram a retumbar. Os cruzadores «Olympia», «Baltimore» e «Raleigh» responderam, concentrando o seu fogo destruidor sobre o antiquado «Reina Cristina», que às 8 horas, completamente a arder, em virtude do fogo certoiro dos americanos, estava fora de combate. O almirante transferiu-se para bordo do «Cuba». Não tardou muito que os barcos espanhóis

Enquanto isto sucedia, Manila encontrava-se isolada, porque o general Augustin, não tendo accedido a um pedido de Dewey, sofreu o desgosto de ver cortado o cabo submarino. Entretanto, os insurrectos filipinos assediavam a capital, e depois de se apoderarem do arsenal de Cavite, marcharam sobre ela. Em 13 de Agosto, Manila rendeu-se. Caiu o pano sobre o dramático episódio das Filipinas.

* * *

Em Cuba, as coisas corriam menos bem. O exército espanhol que guarnecia a ilha, era superior em número às tropas norte-americanas que ali haviam desembarcado, e com um pouco de iniciativa dos seus chefes, poderia até tomar a iniciativa. Mas o marechal Blanco, que o comandava, quis esperar por reforços que a Pátria longínqua não podia prestar. Apenas lhe foi enviada uma esquadra, as ordens do almirante Cervera, que, apesar dos seus fracços efectivos, provocou o pânico na América do Norte, visto aguardar-se a cada instante o seu aparecimento em frente de qualquer cidade costeira.

Mas os espanhóis não tinham carvão suficiente e nem os holandeses em Coração, nem os franceses em Martinica, atendendo às regras da neutralidade, permitiram o seu reabastecimento.

A esquadra não pôde ir até Havana, por falta de combustíveis, e lançou as suas âncoras no porto de Santiago de Cuba. Os americanos engarraram os navios inimigos e tentaram destruí-los, por meio de fogo de artilharia. Não o logrando, 16.000 «yankees» desembarcaram perto da cidade em 23 de Junho. Com estas forças e certo número de insurrectos, o general Wheeler atacou os espanhóis. Em vez de lhes opor o seu exército, o marechal Blanco ordenou à frota que abandonasse o porto. Contra a sua opinião, bem justificada, o almirante Cervera obedeceu. Em 3 de Julho, tentou sair da barra, mas acabou por ver, com desgosto, os seus navios metidos a pique, um a um, pela esquadra americana, superior em número, que já o aguardava. Os 22.000 defensores de Santiago capitularam em 15 de Julho. Seguiram-se-lhes outras guarnições. Os espanhóis ainda mantinham, no entanto, mais efectivos que os seus adversários.

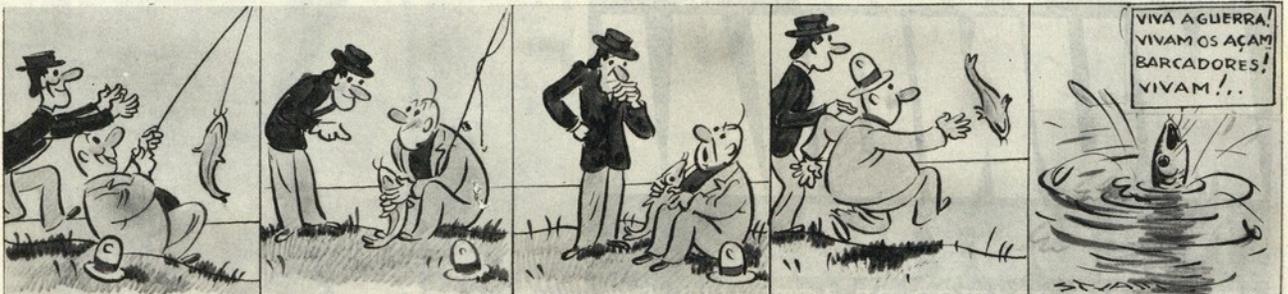
Mas a guerra não podia continuar. A Espanha estava em efervescência, o moral das tropas abalado, a esquadra metida no fundo. Por intermédio da França, estabeleceram-se tréguas. Em 12 de Agosto, foi assinado o protocolo preliminar em Washington, tendo cessado as hostilidades entre os dois países, em 10 de Setembro. Logo a seguir, em 9 de Dezembro de 1898, foi concluído o tratado da paz, pelo qual a Espanha cedia Porto Rico, a ilha Guam e as Filipinas à União Norte-Americana, e reconhecia a independência de Cuba.

Foi assim que a Espanha perdeu o seu império ultramarino e os Estados Unidos adquiriram as Filipinas, entrando na fileira das potências com interesses no Extremo Oriente.



Almirante Dewey

«Ulloa» e «Castilla» fossem também a pique, ficando a maior parte dos navios hispânicos reduzida ao silêncio. Os espanhóis iam recuando, reconhecendo a impossibilidade de resistir a um adversário tão superior em número e material. Deu-se uma pausa. As 11 horas, os americanos voltaram à carga, tendo as tripulações espanholas afundado os seus navios, depois de os abandonar na maior ordem. Seguiu-se um curto duelo entre as baterias de terra e os americanos, até que Dewey, admitindo que a sua tarefa findara com uma vitória absoluta, se retirou, estabelecendo, acto contínuo, ligação com os filipinos revoltosos, noutra parte da ilha de Luçon.



— Oh que bela taínia!
— Hoje já temos para o almoço e ainda chega para o jantar.
— Como a vamos cozinhar?

— O melhor é fritá-la.
— O pior é que não há azeite.
— Então cozemo-la com batatas...
— Mas se não há batatas...

— Temos um recurso.
— Qual é?
— Fazemos uma fogueira e assamo-la.

— E onde está o carvão?
— Bem, como não a podemos e comer, é uma obra de caridade atirá-la outra vez ao rio.

Desenho de Stuart Carvalhais

Panorama Internacional

Primeiros trovões

por Francisco Velloso

EIS-NOS diante do primeiro ribombar do novo drama da guerra, que o peso atmosférico prenunciava. Mais oito ou quinze dias e éle recomeçará no tribunal da História onde vai definir-se o destino do Mundo — a cartada suprema da guerra.

ESTREPILO DE ARMAS



RUNSTEDT

Dá medida do gradual accleramento da guerra para as fases anelivistas, uma observação mesmota resumida das últimas notícias da bitava. O correspondente suíço do *bund* em Berlim começava a 26 as suas referências por dar realce ao respeito em que no quartel general alemão são havidos, ao cabo de nove meses da campanha de leste, o valor do adversário russo, a formação e instrução das novas reservas de Timochenko durante o inverno, as quantidades vultuosas do material e a capacidade da sua produção, accrescidos dos fornecimentos anglo-saxónicos (orçados por cerca de 60% do rendimento britânico, até há pouco), e a construção das fortificações russas sobretudo no sector sul.

Do lado alemão, citava o mesmo correspondente — confirmando informações anteriores de todas as procedências algumas das quais, até pessoalmente obtidas por feliz acaso, temos aduzido — a acumulação de poderosas reservas durante o inverno, milhões de chamadas ao activo, a instrução de novos recrutas para as condições especiais da luta a leste, a produção de armas e munições levada ao máximo, retirando-se de alguns sectores as armas pesadas para protegerem a ofensiva. Nessa data, calculavam os observadores que esta poderia ser retardada de semanas, alentos os rigores ainda assás vivos do inverno, mas não duvidavam de que o ataque alemão seria conduzido com forças e meios superiores aos empregados na ofensiva de junho de 1941.

A demora a que este correspondente aludia, vinha pouco depois explicada pelo informador oficial do Reich em Estocolmo, mencionando o começo do desgelão, sobretudo no Sul, cedendo o general *Lama*, transformando-se campos e estradas em lodaçais e atascadouras que, impossibilitam aeródromos e abrigos, e submetendo-se as tropas às ventanias extremamente frias da sazão.

Aquele respeito dos alemães pelo seu adversário mostra bem quão infantis eram e ainda são os que supunham e ainda supõem de engular de um trago os objectivos da ofensiva e voseiam, longe dos campos de batalha, expressões como: — a ofensiva é nossa, e outras quejandas. O problema é mais árduo do que parece, ao perfazer-se a quadragésima semana da invasão da Rússia, quando a chegada de tro-

pas alemãs de escol, dos S. S., a *Guarda Negra*, à frente, com o marechal Von Runstedt, e a das unidades frescas de reservas russas preparadas nos Urais, são assinaladas nos últimos dois dias de Março em diversos sectores da extensíssima frente, e particularmente em Staraya Russa e no Sul, entre Karlov e Tangarov pela crescente actividade de ataques germânicos, em terra e no ar. Assim, todos os sinais precursores que vinham a juntar-se há perto de dois meses, por nós registados, ganham de cada vez mais a côr forte da realidade. No dia 31, informações provenientes da capital turca previam que os empenhamentos se volveriam mais rijos durante todo o corrente mês de Abril, até irromperem em violento e aberto assalto nos primeiros dias de maio, quando os empampamentos da terra enlodaçada começam a ressecar e enrijecer.

Por onde e para onde se lançarão neste primacial teatro da guerra os alemães?

Bem que aventuroso seja futurá-lo, havemos de notar como na área de Murmansk, éles e os russos lutam, sobretudo no mar, os primeiros para cortarrem os abastecimentos britânicos e americanos que, por tal via, chegam, os segundos a contra-atacárem e a defenderem os atracamentos e descargas dos navios, ali, e a desobstruírem de inimigos o golfo da Finlândia. O recente e vigorosíssimo ataque da aviação inglesa ao porto de Lubeck, centro naval das ligações alemãs com o norte e de instalações importantíssimas, está em correspondência com esse esforço russo para manter em função aquela via de abastecimentos e impedir a subida de reforços germânicos à terra finlandesa.

Mas, doutro lado, perante um gráfico verosímil das posições dos dois beligerantes em toda a frente, julgamos também de frisar os factos, atrás sublinhados, da acumulação das forças de Von Runstedt no sul e da construção de fortificações russas no mesmo sector, o que dá margem a admitir (mórmente dada a presuposta e até já verificada mobilidade das linhas interiores de comunicação moscovitas) que Timochenko, dentro da possível oscillação a que um impeto alemão obriga a frente de geral contacto, promova reacções violentas com efectivos disponíveis e deslocados para outros sectores. A luta actual em Staraya-Russa mostra que o alto comando dos exercitos do Reich se previne para tal hipótese. O plano geral da ofensiva germana há de procurar agora a finalidade estratégica que da primeira vez não logrou, e tem portanto, de o conseguir mais profunda e mais rapidamente. Eis o que significa a mobilização gigantesca que convulsiona a Alemanha, a qual por muitos aspectos assemelha os dias de hoje, a leste, aos da ofensiva de Ludendorff nos primeiros meses de 1918 em França — salva, precisamente, a preparação e o valor do alto comando do exercito russo, o único «adversário à altura» que Hitler e o seu estado-maior ainda toparam nesta guerra.

O DERRAME



MACKENZIE KING

todas as forças do *Wehrmacht* estão concentradas na frente oriental. Certo número de divisões estão prontas, noutros pontos do continente, a responderem a todas as ameaças dos aliados de Moscovo. O comando alemão tomou oportunamente todas as medidas para defrontar todas as eventualidades imagináveis.

Descontado nestas expressões a parte que nos comunicados officiosos dos beligerantes envolve propaganda alentadora, contém-se nelas algo de novo, digno de nota. Por mais que uma vez, Hitler asseverou que, senhor do continente, desafiava a Inglaterra a tentar qualquer investida ao *bastião europeu*, e até estava disposto a desguarnecer as zonas costeiras onde ela as quisesse experimentar, para que visse bem que as não teme. Não sabemos, porém, se o *Führer* repetiria hoje tão desafrontado convite, depois do desgaste que o seu exercito sofreu no segundo meado do ano passado. São já três as demonstrações de que são possíveis desembarques e surtidas em costa francesa. A mais recente, em Saint Nazaire, vale em contrapés, mais como operação e audácia do que a passagem do *Gneisenau* e do *Prinz Eugen* no Canal da Mancha para o Mar do Norte, que tanto ofendeu há meses os brios ingleses, e vem dar razão a Mac Naughton e aos precocinizadores da ofensiva, contra os defensores da doutrina que, receosa de um outro Dunquerque, antes confia num bloqueio a longo prazo e na conservação das linhas vitais das comunicações imperiais, principalmente a do Mediterrâneo.

A criação de uma nova frente que contrarreste o anunciado assalto alemão, e, mais ainda, a quasi urgência de que, especialmente na Líbia, a Inglaterra não deixe ao adversário a prioridade da ofensiva, são ao mesmo tempo uma reclamação russa, apoiada por Cripps, e uma concepção reputada necessária pelos Domínios e pela opinião pública inglesa e americana e imposta pelas condições de ruína económica dos povos beligerantes. O general polaco Sikorski pedia em Washington no dia 31 nesta conjuntura o máximo do auxílio à Rússia e uma ofensiva em novas frentes, logo que possíveis.

Mas o insuspeito critico militar do *Dagens Nyheter* de Estocolmo, não confina o objectivo alemão exclusivamente no corte de abastecimentos à Rússia por Murmansk e Arcangel pelo Golfo Pérsico na via do Cáucaso, e em atingir os jazigos petrolíferos do Próximo Oriente. «Os jazigos de petróleo — acrescenta — encontram-se a sul do Cáucaso e é aqui que a situação se com-

plica. As posições dos aliados no Próximo Oriente estendem-se de Tobruk, a oeste, até ao Mar Cáspio, por leste do Suez, Palestina e Mossul. Estas posições estão protegidas pelas forças russas, ao norte, pela massa neutra da Turquia ao centro por Chipre, Síria e o exercito britânico da África do polo sul. Todos os indícios falam a favor duma dupla ofensiva concêntrica, destinada a desfazer esta combinação defensiva anglo-russa, envolvendo a Turquia pelo norte e sul».

E conclue: «As posições britânicas podiam — continua — ser empurradas uma após outra e Suez ficar assim ameaçado por norte e sul. A estrada das Índias estava aberta. Mas isso presupõe duas coisas, a saber: 1.º — que a frente russa a norte do Cáucaso seja vencida; 2.º — que a Turquia aceite contribuir passiva ou activamente no successo da operação».

Estes pareceres são de juntar aos formulados por Mackenzie King, o grande presidente canadiano, no seu discurso ao parlamento de Ottawa, no dia 26, o qual, invocando notícias fidedignas, declarou: «O inimigo criou uma das situações mais críticas para as nações aliadas. É preciso que os nossos esforços conjugados atinjam rapidamente o máximo para podermos fazer face à nossa situação». E o informador oficial do primeiro ministro esclarecia quasi simultaneamente que as forças alemãs em alta concentração podiam ser divididas de maneira a desdobrarem o seu ataque em quatro direcções distintas: «1.º — Ataques aéreos, em massa, contra a Grã-Bretanha, de maneira a reduzir, enormemente, o esforço britânico de produzir material de guerra, suficiente para equipar as suas próprias forças militares, e enviar auxilio eficiente para a Rússia; 2.º — Ataques fulminantes contra a Suécia e contra a Turquia; 3.º — Ataques em massa, contra as tropas imperiais britânicas, em África, onde os alemães e italianos têm, pelo menos, agora, dezoito divisões; 4.º — Ataques contra Vladivostok, prelúdio da invasão japonesa, na Sibéria».

Não pode portanto dizer-se que neste momento não está perfeitamente estabelecido o quadro em que a Alemanha pode agir. A realidade dos factos confirmou todas as previsões. Sobra apenas uma pergunta a que os accionamentos têm de responder: — Será possível à Alemanha executar este plano enorme em todas as direcções e ao mesmo tempo?

UM PROBLEMA HAMLÉTICO



FILGU

minando sucessivamente os adversários. Uma acção de conjunto jus-

tífica inteiramente a actual mobilização total dos recursos e esforços do Reich. Mas quatro ataques em quatro frentes simultâneas equivaleria a cair-se naquilo que o estado-maior sempre quis evitar — a guerra em mais do que uma frente — que foi causa maior do desastre de 1918. Um ataque aéreo em massa à Grã-Bretanha exigiria tantos aviões que poderia afectar os apoios dessa arma na ofensiva contra a Rússia. E o tempo da guerra-relâmpago já passou porque os adversários do Reich estão precavidos em todas as armas, e Hitler admite sem dúvida que lhe possam tomar o passo.

Ora, tudo indica que ele se dirija com maior empenho contra o principal dos baluartes dos aliados, contra o seu vigamento central, a Rússia. A determinação económica iguala para isso as determinantes militares e políticas. Nada o contradiz. Sómente este esforço é tão vasto que reclama o emprêgo da maioria dos recursos obtidos na mobilização do Reich e exige que o flanco alemão da Líbia esteja seguro. E a alternativa reduz assim a questão: — atacar primeiro a leste, atacar primeiro sobre Suez, atacar simultaneamente prendendo no norte de África os efectivos britânicos do Médio Oriente e absorvendo o que se acumulam nas rectas-guardas da fronteira turca na Síria. A este objectivo se destinariam os reforços actualmente no sul da Grécia e da Itália.

Em qualquer dos casos, aparece de novo com singular importância a situação balcânica. Hitler precisa dos contingentes búlgaros, húngaros e romenos, calculados, no máximo de milhão e meio de homens, mas precisa também de não desfalcá-los as posições na península que uma agitação refervescente reempolga a olhos vistos: — insurreição sérvia com um exército regular de mais de meio milhão de homens, à qual se juntam croatas, romenos e sobretudo búlgaros; a cisão política na Roménia que dá a Maniu o ensejo de criar tropêço a Antonesco, colocando-se à testa do movimento de reivindicação às terras romenas da Transilvânia que Hitler deu à Hungria como paga do seu auxílio; a hostilidade permanente entre os dois países; as dissensões na Bulgária que determinaram o recente e abortado movimento militar, chefiado por generais contra o ministério Filov. E precisa igualmente que a Turquia, a não propender para Berlim (e os boatos de uma mudança de governo e de novos compromissos de trocas comerciais revelam a orientação de Von Papen), fique neutral, e sem intentos agressivos para a Bulgária quando esta dá tropas para a companhia contra a Rússia. O embaixador alemão, porém, ainda desta vez não logrou comover Ankara cuja não-beligerância armada constitui o maior serviço à Inglaterra durante estas incertas fases da guerra.

A segurança do flanco líbico e do flanco turco são para a ofensiva alemã a leste primordial condição de uma liberdade de movimentos. Os reforços militares nutridos levados a Romel pesam tanto como os cuidados da acção diplomática de Von Papen junto do presidente Inonu.

EM DEFENSIVA



BLAMEY

se a recente visita do chefe do

governo manchú à capital nipónica citava a seguinte declaração dele: «A sombra vermelha da União Soviética levanta-se nas nossas fronteiras e pode ser obrigada a recuar». Em que medida entram os actuais acontecimentos do Pacifico nestas perspectivas. É já indiscutível que o alargamento japonês para o sul esbarrou em dois centros de resistência frontal: Timor e a Nova Guiné. Repetidas vezes assim o previmos nestas simples notas. O armamento da Austrália e a organização do seu exército pelo general Blamey (a ele reconvergiram as forças que se batiam na Líbia, restando saber se Auchinleck já as pôde substituir), a reacção da aviação americana e holandesa, as perdas profundas das colunas expedicionárias japonesas, rasgaram feridas incuráveis no arranco nipónico, entravado ao mesmo tempo pelos núcleos de resistência nas Filipinas, em Java, em Samatra e em Bornéu. Os japoneses desde 24 de Março — segundo as próprias informações de Tóquio — entraram em defensiva. Curtin, o presidente australiano, dizia em Camberra, que o Japão seria compelido a reverter ao ponto de partida.

Sobre a fronteira da Índia, na Birmânia, aos reforços chineses o Japão apenas pode opôr neste momento a superioridade aérea na batalha de três frentes que desde Tungu e pela estrada de Mandalay está a travar-se sem êxitos decisivos para o invasor.

O avolumar da invasão do Siao pelas forças de Chan-Kai-Chek, que no dizer dos generais chins, é de facto a primeira ofensiva, pode tirar a bissetriz do ângulo da acção japonesa às portas da Índia. A situação era ainda difícil, segundo o general Stillwell, novo comandante geral das tropas chinesas, mas as entregas de grandes quantidades de material de guerra modificavam, embora lenta-

mente a situação, conduzidas pela nova estrada da Pérsia a que Eden há pouco se referia.

Também aqui, nestas partes da Ásia, o esforço japonês se revela decrescido, e não é excessivo considerar-se que em tal influam a resistência (já parcialmente mudada em ofensivas locais) dos aliados, a amplitudes da acção da esquadra norte-americana para águas japonesas e a pressão alemã para um ataque à Rússia na Sibéria. Mas o calcanhar japonês está a descoberto. Nada se opõe a que, ao começar um assalto nipónico na Manchúria, se verifique na Malásia a previsão de Curtin.

COISAS DA INDIA



GANDHI

Vão, porém, influir no curso dos acontecimentos o desfecho e a situação resultantes das negociações de Cripps na Índia. Nos dois primeiros dias de Abril o Congresso Indústânico rejeitara as propostas do mensageiro inglês.

A Inglaterra ofereceu à Índia um compromisso. Segundo ele, a Índia transformará-se numa vasta Federação de Estados, presa ao Império unicamente pelo Rei, tal como a Austrália ou a África do Sul, reservando apenas a defesa nacional durante a guerra. O Congresso exige a constituição imediata do governo indiano sem prejuízo da formação ulterior da Federação e reclama que a organização da defesa nacional pertença desde já a esse governo.

A leitura atenta dos despachos, por vezes contraditórios, leva porém (e nisto não nos enganamos) à conclusão de que as fracções partidárias, como sempre, não se entendem, e que por detrás do pre-

texto do dissentimento sobre as propostas larguíssimas da Inglaterra os grupos e castas se atacam. Assim é que os «Sikhs», que se bateram inalteravelmente ao lado da Grã-Bretanha nesta e na outra guerra, se mostram desiludidos por não se verem autónomos dentro da federação. Os chefes mais sensatos, segundo o correspondente do Times em Nova Delhi a 1 de Abril, preconizam a nomeação dum membro indú para a defesa nacional mas sem interferir no comando das operações. Gandhi aceitará? Neste momento a flutuação é enorme. A rejeição das propostas equivaleria, como os chefes liberais indús reconhecem, a uma tragédia de antagonismos internos por cujas fendas o Japão intrrometeria os seus agentes. O sentimento de unidade nacional, repetimos, é na Índia, puramente hipotético. Homens como Gandhi abririam as portas ao inimigo porque as manhas do gentio indú, como lhes chamava o Padre Lucena, preferem tudo a bater-se por uma causa patriótica. Só uma minoria o compreende. A leitura duns capítulos de Huxley na *Volta ao Mundo por um cético* convencerá disto mesmo o mais iludido com os palavrões do Mahatma que não tem sequer a décima quinta parte da Índia atrás dele. E o erro dos ingleses foi talvez assoprá-lo a mais do que a pele poderia distender-se-lhe. Cripps conseguirá chamar ao bom senso as facções? Não o conseguindo, quem se baterá na Birmânia? A traição dos agitadores indús à causa da Índia já com razão excita os protestos da América. Mentindo a Chan-Kai-Chek, mentindo a Cripps, eles seriam apenas dignos de certos epítetos justiciros que estão sentenciados há séculos nas *Cartas* de Albuquerque e em versos lapidários de Camões.

3-4-1942.

Os DENTES só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância oom



PARGIL

(Produto medicinal)

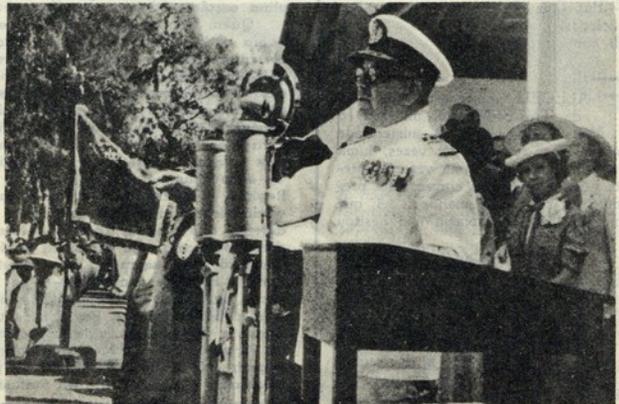
PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS



O PRIMEIRO LORD DO ALMIRANTADO INGLÊS, Alexander, fazendo um discurso dirigido aos holandeses sobre o auxílio britânico ao seu povo.



O VICE-ALMIRANTE HOLANDÊS HELFRICH, que desempenhou as funções de comandante da esquadra aliada em Java, falando aos novos cadetes

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

O meu ilustre colega dr. Octaviano de Sá publicou recentemente na «Gazeta de Coimbra» um curiosíssimo artigo acerca do bem e do mal que se diz dos advogados. Na verdade, através dos tempos, poucas instituições, como a advocacia e a medicina, têm sido avós de tanto elogio — e de tanta malquerença. Talvez porque todos se julguem, mais ou menos, médicos ou advogados. Que os advogados são, com frequência, indispensáveis, não resta a menor dúvida. Mas serão eles, de facto, tão maus como, com excessiva e injusta prodigalidade, costumam pintá-los? Nem pensar nisso. A semelhança do que sucede com todas as classes e profissões nem todos os homens do foro serão moral e profissionalmente excelentes, mas a generalização sombria de que todos são péssimos, é, temos de confessá-lo, duma injustiça revoltante. Octaviano de Sá põe-nos claramente o problema, escudado numa obra recente *La vitta dell'Avvocato* dos irmãos Pierluigi. O advogado é, estruturalmente, um confessor: é fora de dúvida que há bons — e maus confessores. Todos estarão de acôrdo neste ponto, usando de boa fé. Os que não usarem tal virtude continuarão ingloriamente afirmando, servindo-se do velho epigrama:

A letrado charlatão
Expôr tua causa vens;
Ele sim será ladrão;
Mas não te furta a razão:
Antes tá dá, se não tens!

Mas nada mais se passará...

ENCRUZILHADAS

CARLOS Selvagem, brilhante homem de teatro, recebeu o prémio teatral do S. P. N. pela sua peça *Encruzilhada*. Cinco contos! Depois disto creio que não poderá afirmar-se que são perigosas as encruzilhadas — pelo menos algumas...

FILANTROPIA

UM dos nossos actores, e porventura aquele que talvez tenha hoje amealhado mais dinheiro foi, há dias, a certo teatro em que trabalha uma sociedade artística e pediu um camarote — de graça, é claro — para ver o espectáculo. Ele — e toda a família. A saída perguntaram-lhe:

— Então foste ver a peça?
— Fui. Que diabo, é preciso auxiliar os colegas!

Si non est vero...

REUS

F ALECEU agora em Vila Real de Trás-os-Montes, um juiz, o dr. Abel Fernandes, cuja austeridade profissional se revestia, por vezes, duma sorridente bonhomia. Uma vez que presidia a certa audiência correcional perguntou ao réu, como manda a lei, que profissão tinha. O homem não hesitou na resposta:

— Infelizmente nenhuma, senhor juiz. Ando por aí a circular...

Terminado o julgamento, o magistrado leu a sentença, que era condenatória, e advertiu no final o condenado:

— Como se provou o crime e o senhor me disse que andava por aí a circular, retiro-o da circulação por 45 dias.

E mandou encerrar a audiência.

SOBRE A NUDEZ FORTE DA LIBERDADE O BIGODE FARTO DA FANTASIA



Aí por Maio de 1915 andava quem escreve estas linhas no 6.º ano de letras do Liceu Passos Manuel e tinha como professor de história um homem, por mais do que um título ilustre. Um dia, no momento em que o professor traçava, com a sua costumada e viva eloquência, um quadro da Revolução Francesa, um dos alunos, tocado dessa eloquência e da verdade própria da sua mocidade, levantou-se e gritou como em plena praça pública:

— Viva a liberdade!
O professor olhou-o, fixou-o e disse-lhe:
— Muito bem! É assim mesmo...

E logo acrescentou, cofiando o seu sazanhudíssimo bigode:
— Agora faça favor de sair da aula porque são contrárias à disciplina escolar todas as manifestações políticas.

Quem escreve estas linhas — era o aluno em causa; o professor — era o dr. Lopes de Oliveira. Vão passados vinte e tantos anos. Ele certamente não se lembra já deste episódio: eu nunca mais me esqueci d'êlo. E — nota talvez curiosa — com todo o ar simples e natural que o caracteriza, este pequeno «fait-divers» dá-nos, até certo ponto, um retrato, embora instantâneo, do professor ilustre com quem se passou. Seria supérfluo dizer-lhes porquê, tão fácil é de o adivinhar. De resto, a sua obra literária permite reconstituir, não apenas pelos títulos dos livros, mas pelo seu conteúdo, a fisionomia moral e intelectual deste homem. Os seus volumes «*Cara erguida*», «*Bernardino Machado*», «*História do Regime Republicano*», «*História da República Portuguesa*» constituem verdadeiras imagens do seu album biográfico. Quaisquer que sejam os defeitos que possam apontar a este homem, há uma qualidade que os sobreleva como uma autêntica auréola de ouro: a sinceridade das suas convicções. Foi sempre o que, estruturalmente, é. Há quarenta anos que tem as mesmas convicções — e os mesmos bigodes. Para impor o seu nome, para criar uma reputação, nunca precisou de rapar nem os bigodes — nem as convicções. Por isso se um dia quiserem levantar um monumento a este homem, na sua pequenina terra natal, esse tranqüillo Vale de Açores, perto de Mortágua (que ele adora até à alma) permito-me sugerir esta legenda a gravar no pedestal: — «Sobre a nudez forte da liberdade, o bigode farto da fantasia».

BOCAGE E JOSÉ DANIEL

CERTO dia Bocage vislumbrou o conhecido José Daniel, versador popular do seu tempo, e logo comentou em voz alta para as pessoas que o rodeavam:

— Quem comesse os miolos do José Daniel podia em seguida comungar, mesmo que fosse o maior católico deste mundo...

PENHORES

UMA senhora (a quem a vida não corre às mil maravilhas) entrou, há pouco, numa casa de penhores para empenhar uma jóia.

— Impossível, minha senhora — diz-lhe o penhorista. — Aqui só se empresta dinheiro sobre batatas ou carvão...

PONSON DU TERRAIL

ANUNCIA-SE para breve a reedição de algumas obras do célebre autor do *Rocambol*. Como sabem, este escritor escrevia com uma velocidade fantástica, o que naturalmente deu lugar a que, em alguns dos seus livros, haja frases inexplicáveis. Não deixa de ser curioso reproduzir três ou quatro, ao acaso.

— A sua mão estava fria como a duma serpente.

— E fui então que eles avançaram através daquele espessa floresta virgem em que, até então, a mão do homem nunca tinha posto o pé.

— Durante os vinte minutos que durou o frugal almoço do velho impenitente, este nunca descerrou os lábios.

— A sua bela cabeça de velho fidalgo passeava no seu jardim exótico, as mãos atrás das costas, lendo, com cólera, um dos jornais da manhã.

— Oh! Oh! Oh! — exclamou ele em português.

etc.

A MULHER MUDA

EIS a mulher mais perfeita do Universo — e, por isso mesmo, considerada defeituosa.

O CHAPÉU DE MARIA ARCHER

A ilustre escritora Maria Archer comprou, há dias, um chapéu modelo. Uma noite destas sentou-se na plateia dum teatro, ostentando o seu elegantíssimo chapéu, e logo uma empregada veio dizer-lhe:

— V. Ex.ª fazia obséquio tirava o chapéu?

Logo Maria Archer:
— Tirar o chapéu? Eu que dei trezentos mil réis por êle — para que mo vissem!

Sempre de excelente espírito, a autora do *Fausto Sovina*.

CELIA GÁMEZ

ESTA artista que esteve durante duas semanas no *Trindade* recebeu, entre inúmeras cartas, uma especialmente amorosa — perdão... — cariñosa: firmava-a o nosso querido camarada Paulo de Brito Aranha. Segundo nos informa Jaime Graça, velho habitué dos bastidores, Celia Gámez, ao lê-la, ficou sinceramente às aranhas...

Luís de Oliveira



A Senhora Chang-kai-Chek

Grande figura da política mundial

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

A ESPOSA DE CHANG-KAI-CHEK — generalissimo de todos os exércitos chineses, cujo talento militar, revelado na resistência à invasão nipônica, se acentuou no desenrolar da guerra no Extremo Oriente — é uma dedicada colaboradora de seu marido na causa a que se votaram da libertação do solo pátrio. A sua extraordinária cultura, a sua actividade e o seu tacto político fizeram dela uma insigne diplomata cuja competência, aliada ao talento militar de Chang-Kai-Chek, tem sido uma das razões da magnífica epopeia chinesa na luta contra o Japão. A foto mostra-a durante um almoço na intimidade da sua casa de Xung-King.

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

PROF. PEREIRA SALGADO



Reitor da Universidade do Pôrto e professor das Faculdades de Ciências e de Engenharia que, por causa da lei das incompatibilidades, foi obrigado a optar pelo magistério numa daquelas escolas superiores, motivo porque abandonou a segunda. O discípulo dilecto do grande mestre da Química que foi Ferreira da Silva optou, assim, pela Faculdade de Ciências, onde iniciou a sua carreira de professor e de investigador científico, carreira que tem sido brilhantíssima. Os seus colegas da Faculdade de Engenharia, tendo em atenção os relevantes serviços prestados por este catedrático, promoveram-lhe uma homenagem, justíssima a todos os títulos, que constituiu um grande acontecimento no meio universitário da capital do Norte.

PASTOR DE MACEDO



Que, com o seu livro «Tempos que passaram», acaba de ser galardoado com o Prémio Júlio de Castilho 1941, dado por unanimidade pelo respectivo júri e homologado pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Pastor de Macedo, olissiponense ilustre, foi já vereador do Município num período de brilhantes realizações: criação dos Serviços Culturais da Câmara; exposições estéticas, reedição de clássicos, conferências, visitas de estudo, concursos de urbanização, cortejos e certames evocativos; instituição do Conselho de Estética, Festas da Cidade, etc. No Grupo dos Amigos de Lisboa, e a frente de outras iniciativas de interesse cidadão, o nome de Pastor de Macedo tem sido sempre garantia duma obra inteligente. Justíssimo, pois, o prémio que lhe foi conferido agora.

GUEDES DE AMORIM



Journalista e escritor, um dos mais brilhantes produtores portugueses, cujo último livro, «Knox», biografia do ministro da Marinha norte-americano, da colecção «Os homens da guerra», editada pela Parceria António Maria Pereira, obteve o maior êxito, constituindo um acontecimento digno de ser assinalado no meio literário português. Guedes de Amorim, que já teve um dos seus romances premiado — «Aldeia das Aguias» — e cuja colaboração, em artigos, novelas e reportagens, nos jornais e revistas portuguesas, é notável, obteve com «Knox» um triunfo que nos é grato registar.

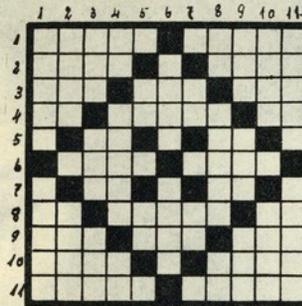
JULIO DE SOUSA



Artista de requintada sensibilidade, que acaba de obter novo êxito com a sua exposição recentemente inaugurada no estúdio do Secretariado da Propaganda Nacional, Pintor e desenhador de grandes qualidades, Júlio de Sousa tem-se afirmado também um humorista de fino espirito. São disso prova flagrante as suas curiosas criações em barro e trapo, magníficas caricaturas de artistas de teatro e cinema e de outras figuras em evidência nos meios nacional e internacional. A matéria frágil e ingrata com que Júlio de Sousa trabalha nesse género, dá o artista expressão tão real, que dir-se-ia serem as caricaturas animadas por um sopro de vida.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 19



Oriam

HORIZONTAIS: 1 — Retirar-se; Anagrama de Grita. 2 — Pisadura produzida nas cavalgadas pelos arreios; Sucesso desastroso. 3 — Grande árvore indiana; Qualquer côr, excepto o branco e o preto; Casa de habitação. 4 — Jurdade; Justificar-se; Nada. 5 — Tua; Contração de preposição e artigo. 6 — Pref. (designativo de Sangue); Termo que se emprega para impor silêncio. 7 — Oposta à razão; Tecido finíssimo (inv.). 8 — Abreviatura muito usada em cálculos astronómicos; O leite, que as crianças mamam (pl.); Fundo de valilha. 9 — Grandes dificuldades; Pêso indiano; Ocupar-se. 10 — Reboca; Bosque. 11 — Espécie de lémur indiano; Género de pequenas cobras americanas.

VERTICAIS: 1 — Cinco letras de Cúbito; Antiga peça da armadura que cobrindo o elmo descaía sobre os ombros. 2 — Ligar pelo amor; Conjunto de pequenas plantas agrestes. 3 — Reparo preempensivo; É obrigado a; Multidão.

4 — Aná; Oração dos Turcos; Grito de dor. 5 — Porquê; Pref. designativo de Inversão. 6 — Antiga moeda de Cambaia; Tribu que entre os Gállos e Irlandeses era formada por certo número de famílias, tendo um chefe hereditário. 7 — Batráquio; Vácuo. 8 — Pref. designativo de Intensidade; Frade (pl.); Pequena pedra em que se amolam instrumentos cortantes. 9 — Peça de coiro a que os caçadores atavam asas de aves, e fazendo-a girar a soltavam aos falcões para os adestrar na caça; Dialecto românico falado ao norte da França; Junta. 10 — Espécie de concha bivalve; Capataz de macóbios. 11 — Terreno coberto de mato; Antigo regulamento de Repartições Públicas.

Soluções do problema n.º 18

HORIZONTAIS: 1 — Goa. 2 — A; lvo; Abno; Aca; E. 3 — N; Diz; Cear; Lhe; R. 4 — T; Eça; Odca; Catar. 5 — O; Mor; Ber; Ar; Li. 6 — N; lco; Tr; In. 7 — Ide; Alcanena; Rugai. 8 — N; Vistorio; Uar; S. 9 — O; Orar; Ct; Zsa; T. 10 — Aro; O; A.

VERTICAIS: 1 — Antonino. 2 — Idem; Avo; 3 — Vtço; Lira. 4 — Ozar; Csar. 5 — Atro. 6 — Jacobino. 7 — Obedecer. 8 — Anacrónico. 9 — Ora; Aot. 10 — Alcatraz. 11 — Charruas. 12 — Aet; Grã. 13 — Alia. 14 — Verrinista.

«A ESFERA MISTERIOSA»

Por falta de espaço, não publicamos hoje o nosso folheto policial «A esfera misteriosa», do que pedimos desculpa aos nossos leitores. Pelo mesmo motivo, só no próximo número daremos os resultados do Concurso que promovemos sobre «A esfera misteriosa».



O DR. BEUVE MÉRY, grande figura da intelectualidade francesa, fazendo, no Instituto Francês, a sua conferência sobre «Charles Péguy e a crise do mundo moderno».

Vida MUNDIAL

Directora
JOSE CÂNDIDO GODINHO
Proprietário e Editor:
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Redacção e Administração:

Rua Garrett, 80, 2.º - Tel. 25844 - Lisboa

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. — África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65\$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80\$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.ª — Tr. da Condesa do Rio, 27 — Lisboa.

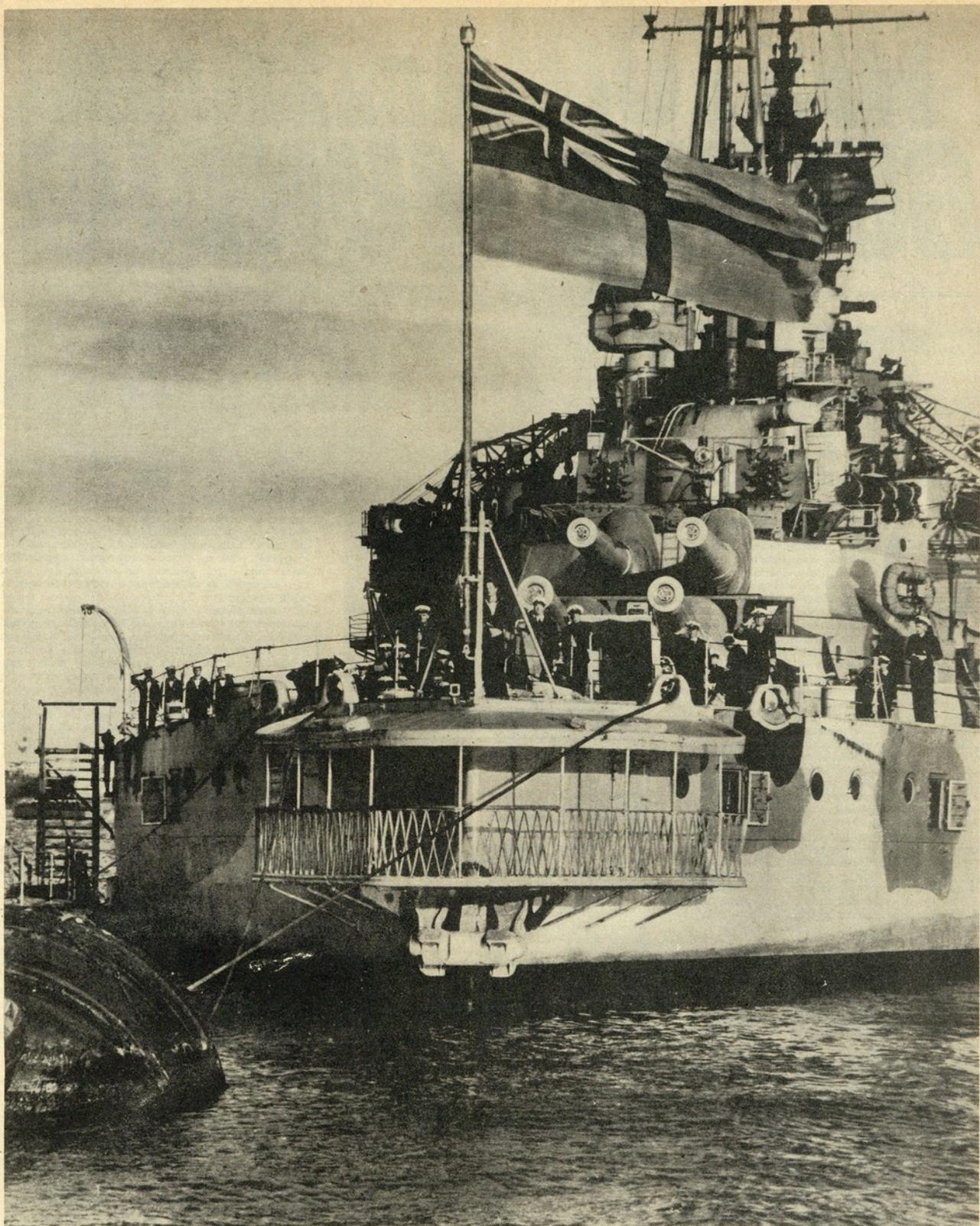
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º - Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

VIDA MUNDIAL

OS MELHORES ARTIGOS DOS MELHORES JORNAIS



*A esquadra britânica
no Mediterrâneo*

VIAJAGENS
MUNDIAL

A BORDO DO «QUEEN ELIZABETH», navio-almirante da esquadra britânica em operações no Mediterrâneo, hasteia-se a insígnia do comando. É uma cerimónia simples, breve, mas tocante, que se efectua todas as manhãs, no porto ou no mar alto, em horas de repouso ou de vigília. A foto, tirada no ancoradouro de Alexandria, mostra-nos o almirante Sir Andrew Cunningham, comandante-chefe da esquadra britânica no Mediterrâneo, rodeado dos seus oficiais e marinheiros, fazendo a continência ao pavilhão inglês que acaba de subir no mastro.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo VII a guerra no mar

3

A NORUEGA E DUNKERQUE

O episódio naval do «Cossak» pode dizer-se que põe termo à aventura do «Graf Spee». Na noite de 16 de Fevereiro de 1940, um contratorpedeiro inglês daquêle nome, sob o comando do capitão de mar e guerra Vian, entrou no «fjord» de Josing, na costa norueguesa, e libertou audaciosamente quatrocentos marinheiros britânicos. Estes marinheiros encontravam-se a bordo dum navio armado alemão, o «Altmark», que chegara àquelas paragens vindo do Oceano Ártico.

O «Altmark» servira, durante meses, como navio de apoio para as proezas de corso que o «Graf Spee» realizou no Atlântico Sul. Uma das suas missões consistia em recolher a bordo, como prisioneiros, os membros das tripulações dos navios inimigos afundados. Assim recolheu algumas centenas. Depois da batalha do Rio da Prata a sua missão considerava-se, praticamente, terminada. O «Altmark» recebeu ordem para regressar à Alemanha, o que procurou fazer com o mínimo de inconvenientes.

Para isso, navegou ao longo do Atlântico, com rumo ao norte e com as precauções habituais em casos daquela natureza. Entrou no Ártico e mudou de rumo, penetrando nas águas territoriais da Noruega, a fim de, favorecida por esta circunstância, poder chegar, sem novidade, a um porto alemão onde desembarcaria os prisioneiros que transportava.

O «Cossak» conhecia, porém, a sua rota e espreitava-o. Quando o «Altmark» se encontrava no perigoso «fjord» de Josing, penetrou nêle audaciosamente. Era de noite. O contratorpedeiro inglês acendeu, de repente, os projectores. A sua proa quasi tocou, naquela altura, o costado do navio alemão. A cena desenrolou-se com uma rapidez de relâmpago. O tenente Turner, seguido por cinquenta marinheiros, fez a abordagem do «Altmark», cuja tripulação ficou surpreendida. Trocaram-se poucos tiros. Da acção resultaram alguns feridos entre os ingleses e seis mortos entre os alemães. Os prisioneiros ingleses foram libertados e transportados para um porto do seu país pelo «Cossak».

A ESTRADA DE FERRO

Com o mês de Abril coincide uma das fases mais activas e importantes da guerra no mar. A campanha da Noruega só pôde ser conduzida vitoriosamente pelos alemães graças à acção da sua marinha de guerra que, a pesar das pesadas perdas que sofreu, conseguiu realizar os objectivos que, nos planos de conjunto das operações, lhe tinham sido assignalados.

Pode dizer-se que a campanha da Noruega se iniciou no dia 7 de Abril, quando as froças das aliadas miraram as águas norueguesas. As autoridades navais franco-britânicas, em estreita cooperação, consideravam intolerável a situação criada. Os navios alemães, para a realização dos seus fins de guerra, penetravam nessas águas e assim conseguiram atingir os portos do Reich. Os que regressavam de cruzeiros distantes, e tinha sido o caso do «Altmark», penetravam nas águas norueguesas e assim conseguiram chegar a salvo, ao seu destino. Outros que se destinavam a operar em mares



Almirante Carlis

afastados, no Atlântico e no Índico, navios de superfície e submarinos, escapavam-se pelas águas norueguesas até chegarem ao Ártico, de onde, com relativa segurança, seguiam aos seus destinos.

Foi considerando os perigos que resultavam dessa situação que as autoridades navais franco-britânicas resolveram agir. O governo de Oslo protestou contra a decisão tomada, em notas diplomáticas enérgicas entregues em Londres e Paris. Os alemães acusavam a França e a Inglaterra de quererem cortar a sua estrada marítima de abastecimento para o minério de ferro.

Efectivamente o minério de ferro originário das minas situadas ao norte da Suécia era transportado dèste país, por terra, até ao porto norueguês de Narvik e aí embarcado em barcos do Reich que, navegando ao longo das águas neutras da Noruega, se dirigiam aos portos alemães. Os franceses e ingleses consideravam que essa prática constituia uma violação flagrante da neutralidade norueguesa, à qual o governo de Oslo não tinha maneira de se opor. No fundo, era a utilização das águas norueguesas, especialmente no caso do transporte do minério de ferro, que estava em causa. O episódio de 7 de Abril marcou, praticamente, o início da campanha da Noruega.

NAS ÁGUAS DA NORUEGA

No dia 8 de Abril a quasi totalidade da esquadra alemã atravessou os estreitos que estabelecem a comunicação entre o Mar do Norte e o Atlântico. A sua passagem foi assinalada das costas da Suécia e da Noruega. Qual era o destino que lhe tinha sido marcado? Os navios do Reich, a pesar da sua inferioridade numérica, tinham decidido afrontar a esquadra britânica que pairava ao longo das costas norueguesas para enfiar as eventualidades que resultavam da colocação de minas ordenada na véspera pelo seu governo.

Os alemães decidiram arriscar na luta a sua esquadra de navios pesados. Lam o «Scharhorst» e o «Gneisenau», moderníssimos couraçados de 26.000 toneladas, e com êles os dois couraçados de algibeira de 10.000 toneladas que restavam depois da batalha do rio da Prata (o «Deutschland», que depois mudou de nome, e o «Admiral Scheer»), os cruzadores da mesma tonelagem da classe «Hipper»

e os cruzadores de 6.000 toneladas. Além destas unidades, seguiam, com a formação que penetrou nos Belts, uns trinta contratorpedeiros e um número indeterminado de submarinos e de unidades auxiliares. O comando desta poderosa formação naval foi confiado ao almirante Carlis.

A batalha naval da Noruega caracterizou-se — como mais tarde foi afirmado por Churchill e Reynaud — por uma série de acções dispersas ao longo da costa. Esta característica foi, manifestamente, favorável para os alemães que assim conseguiram evitar uma acção decisiva de conjunto em que a sua esquadra seria aniquilada, dada a superioridade esmagadora do adversário. Ao mesmo tempo os navios alemães conseguiram realizar a missão principal que lhes tinha sido assignalada: tornar possível o desembarque de forças terrestres na Noruega, de maneira a que a ocupação dos principais portos e pontos estratégicos dèste país ficasse assegurada rapidamente para as armas do Reich. Quando os franceses e ingleses quiseram, alguns dias depois, intervir, realizando por sua vez desembarques, era demasiado tarde. Os combates que se desenrolaram em Narvik e em Namsos tinham de antemão assegurada a vitória para o Reich por virtude da acção preventiva da sua esquadra.

A BATALHA DISPERSA

Assim, a batalha da Noruega foi constituída por uma série de acções isoladas em que os marinheiros alemães defrontaram os marinheiros da Grã-Bretanha. Entre essas acções destacaram-se as seguintes: um combate breve entre o cruzador de batalha inglês «Renown» e o couraçado alemão «Scharhorst», em que este último, utilizando a sua velocidade superior, conseguiu escapar ao contacto do inimigo; e o ataque de uma divisão de navios britânicos, do comando do contra-almirante Withwooth, ao porto de Narvik, onde se encontravam sete contratorpedeiros alemães. Da divisão britânica fazia parte o couraçado «Warspite» que, para o resultado da acção, teve um papel decisivo. Os contratorpedeiros alemães foram todos afundados e as tripulações conseguiram escapar-se para terra. Um outro episódio da batalha dispersa da Noruega foi o encontro de contratorpedeiros ingleses e alemães no «fjord» de Ofot, em que muito se distinguiu o contratorpedeiro inglês «Hardy».

Os combates travados no «fjord» de Oslo, que decidiram da posse da capital norueguesa, revestiram-se de incontestável importância. Neles tomou parte e se perdeu uma das unidades mais modernas e eficientes da Armada do Reich, o cruzador «Blucher», a bordo do qual se encontrava o contra-almirante Kummetz. Com o «Blucher», actuaram outros navios de guerra que protegeram o desembarque em Oslo de fortes contingentes de tropas. A actividade das baterias costeiras foi intensa e eficaz. O sacrifício do «Blucher» permitiu que o resto da esquadra alemã realizasse os objectivos que se propunha.

Nas águas da Noruega, sucederam-se, enquanto durou a campanha no território daquêle país, os episódios navais em que contra a esquadra do Reich, colaboraram com os navios ingleses, navios franceses e polacos. Entre os primeiros distinguiu-se o cruzador «Emilê Bertin», que suportou um violento ataque da aviação alemã que pôs à prova as suas excelentes qualidades. Dos navios polacos que tomaram parte na luta, distinguiu-se o famoso submarino «Orzel», que fizera uma viagem aventurosa quando da ocupação do seu país, conseguindo atingir a Grã-Bretanha depois duma série de peripécias que criaram uma verdadeira lenda



Um aspecto do porto de Narvik, depois do ataque da esquadra inglesa.

à volta do seu nome.

O AFUNDAMENTO DO «GLORIOUS».

Pode dizer-se, portanto, que enquanto se desenrolaram operações terrestres houve acções navais, de maior ou menor envergadura. Acções navais, do lado dos alemães, para permitir o desembarque das suas tropas. Operações navais, do lado dos aliados, para permitir desembarques idênticos e, depois, o reembarque dos contingentes desembarcados. Essas operações arrastaram-se até ao fim do mês de Abril, quando praticamente cessou a resistência da Noruega. Como a campanha se liquidou por uma vitória das armas do Reich e pela ocupação do país, a colaboração dada pela esquadra para que esse resultado se alcançasse foi eficaz e proveitosa.

As perdas alemãs foram sensíveis. Além do «Blucher» e dos contratorpedeiros afundados em Narvik, houve outras unidades totalmente perdidas e algumas seriamente avariadas. Entre as primeiras contam-se os cruzadores «Karlsruhe», «Stuttgart» e «Emden». Entre as últimas devem registar-se as avarias sofridas por um dos couraçados de alibeiira e pelos cruzadores «Köln» e «Leipzig». Do lado dos aliados a perda mais sensível foi a do porta-aviões «Glorious».

A acção contra o porta-aviões britânico, que navegava protegido apenas por dois contratorpedeiros que tiveram o seu destino, foi conduzida por cruzadores alemães que dispararam a grande distância com pleno êxito. Logo que foi avistado o «Glorious» ergueram-se alguns aparelhos para localizar o inimigo. Nessa altura, a plataforma de aterragem foi duramente atingida pelos projecteis alemães, declarando-se incêndio a bordo. Os contratorpedeiros procuraram estabelecer cortinas de fumo mas essa tentativa não resultou. O «Glorious», bem como os contratorpedeiros que o acompanhavam, estava ferido de morte.

Com a sua perda a esquadra britânica sofreu um prejuízo sensível. Ao fim de oito meses de operações no mar tinham desaparecido do seu activo duas unidades daquele tipo. Os tiros dos cruzadores alemães tiveram um efeito fulminante. Os canhões do porta-aviões, de 157 mm., eram manifestamente impotentes para lhes fazer face com eficácia. A perda do porta-aviões deve atribuir-se à falta de protecção. Esta havia de se revelar, mais tarde, em outros episódios da guerra naval.

A RETIRADA DE DUNKERQUE

Por esta designação ficou conhecida a série de operações combinadas que, durante dez dias, de 25 de Maio a 5 de Junho, conduziram à evacuação do Corpo Expedicionário britânico que se encontrava em França. Enquanto, em terra, a resistência das tropas francesas permitiu, sob a direcção superior do almirante Abrial, assegurar, durante aquele período, a defesa da cidade, no mar a esquadra franco-britânica conseguiu proteger o reembarque de algumas centenas de milhares de homens, sem perdas apreciáveis, sob a acção da

aviação alemã.

Nos últimos dias do mês de Maio, a derrota do exército francês tornou-se evidente para os chefes militares aliados. Em Londres seguiam, com ansiedade, a evolução da situação, que se agravava de um momento para outro. O governo britânico decidiu avisar o governo francês de que, em benefício da causa comum, achava inconveniente sacrificar em França, numa luta cujo desfecho não oferecia já dúvidas, a sua aviação de caça, ainda pouco numerosa mas já bastante valiosa, e os seus soldados que, até aquela altura, tinha dado provas suficientes da sua decisão e energia.

Ficou, por isso, assente que os aviões britânicos recolheriam as suas bases da Grã-Bretanha e que os soldados do Corpo Expedicionário britânico, que era comandado pelo general Visconde Gort, regressariam igualmente à metrópole. Para pôr em prática esta decisão era preciso, simultaneamente, defender a cidade enquanto durasse o reembarque e efectuar este último com a oposição violenta dos alemães que certamente não deixariam de procurar impedi-lo por todos os meios ao seu alcance e especialmente pelo emprego da sua poderosa aviação em larga escala.

A retirada de Dunkerque merece, na história do actual conflito, uma referência especial, pois foi esse episódio que pelas suas repercussões imediatas e pelas suas consequências distantes marcou o início duma transformação radical no curso da guerra. O desaparecimento do exército francês, única força continental em condições de se opor à máquina militar do Reich, devia marcar, no pensamento dos dirigentes alemães, o termo das hostilidades. Com o reembarque do Corpo Expedicionário britânico e a sua chegada à ilha, criou-se um condicionamento novo que permitiu a resistência inglesa com todos os seus efeitos.

A IMPORTANCIA DA OPERAÇÃO

Os preparativos para esse reembarque começaram logo que foi tomada a decisão de o realizar. Esses preparativos duraram, aproximadamente, cinco dias. No dia 31 de Maio começou o reembarque que se prolongou até cinco de Junho, data em que a resistência do almirante Abrial cessou quando tinha sido salvo o último soldado das tropas aliadas que devia seguir para a Grã-Bretanha.

O comunicado do Almirantado que deu conta deste acontecimento excepcional acentuava que ele se verificara graças «à mais extensa e difícil operação combinada que a história naval regista». O comunicado dizia a seguir: «Por essa operação puderam ser salvas tropas inglesas, francesas e belgas em número tal que, quando se tornar conhecido, causará a admiração do mundo. A retirada efectuou-se sob o fogo ininterrupto da aviação e da artilharia do inimigo». As forças navais britânicas que cooperaram na operação eram constituídas por várias flotilhas de contratorpedeiros e um número apreciável de navios auxiliares. O total dessas forças atingiu o número de duzentas unidades que protegeram os seiscentos navios, de todos os tipos e de todas as categorias, que permitiram conduzir a bom termo o plano de retirada. A ordem para esses navios mercantes se reunirem

teve uma resposta imediata por parte dos seus proprietários e tripulantes. «No local designado para a concentração — revelou o comunicado inglês — reuniram-se, com as suas embarcações, pescadores e ricos proprietários de embarcações de luxo, sócios das associações navais e praticantes do desporto náutico. Não sabiam, quando se reuniram, qual era a missão árdua que lhes ia ser confiada. Logo que a conheceram, prontificaram-se a desempenhá-la, o que fizeram, de dia e de noite, nas condições mais difíceis e perigosas». A retirada fez-se do porto de Dunkerque «a das enseadas favoráveis que o rodeiam. Se não fosse a pericia dos elementos que, habituados ao mar, se prontificaram imediatamente a cumprir os desejos do governo britânico, ter-se-iam, decerto, praticado erros que se revelariam fatais. «O êxito da operação, dizia o Almirantado, é um magnífico triunfo para as forças navais e aéreas dos aliados que enfrentaram o esmagador poder aéreo do inimigo, o qual pôs em acção todos os recursos de que dispunha para a evitar».

OS RESULTADOS CONSEGUIDOS

O reembarque fez-se em duas fases. A primeira nos dias 31 de Maio e 1 de Junho; a segunda nos dias 3 e 4 deste último mês. Na primeira fase foram evacuados para Inglaterra 224.000 soldados ingleses e 36.000 soldados franceses e belgas; na segunda cerca de 76.000 soldados. Total: 335.000 homens. Os locais onde se realizou a operação não permitiram, normalmente, reembarcar mais de 30.000 homens, ou seja a décima parte dos que conseguiram salvar-se.

Na operação tomaram parte 271 navios de guerra, sendo 222 ingleses e 49 franceses, e 774 navios mercantes, dos quais 665 eram ingleses e 109 franceses. As perdas totais sofridas foram as seguintes: ingleses: 6 contratorpedeiros, 1 canhoneir, 1 navio cisterna, 7 caça-minas, 1 rebocador, 1 navio lançadores e 18 navios de patrulha ou seja um total de 35 unidades; franceses: 2 contratorpedeiros, 5 torpedeiros, 1 transporte, num total de 8 unidades; polacos: 1 contratorpedeiro e 1 submarino ou sejam duas unidades. Assim os navios de guerra aliados afundados na operação de reembarque de Dunkerque somaram 45 unidades de pequena tonelagem.

Dunkerque marca uma data capital na história da guerra. Esse episódio significou, ao mesmo tempo, o início da resistência britânica e a quebra da solidariedade franco-britânica, que era uma das condições fundamentais para a vitória dos aliados. No dia 1 de Junho, o chefe da esquadra francesa fez expedir para Londres um telegrama em que dizia: «Contrariamente ao que o sr. Churchill anunciou na reunião do Supremo Conselho dos Aliados, os franceses acabaram por ficar como últimos defensores de Dunkerque. Entendo que deve fazer-se o impossível para os salvar. Solicito, para isso, o concurso da Armada britânica e da Real Força Aérea». Os franceses a que o almirante Darlan se referia conseguiram salvar-se graças ao concurso da Armada britânica e da Real Força Aérea. Mas o incidente ficou a pesar dolorosamente no conjunto das relações franco-britânicas. O desentendimento entre os dois países, que até ali se tinham mostrado intimamente ligados por uma fraternidade de armas simbólica, acentuou-se, nos meses seguintes, de maneira dramática, e constituiu uma das características mais dolorosas da presente guerra.

(Continua)

AQUI JAZEM
TODOS DENTES

que não têm sido lavados
com

PASTA MEDICINAL Couto

PASTAS
Húmiltas
MEDICINAIS

e capazes de
desbrunem os
microbios da
boca, so há uma

EVITA:
estomatites
mercuriais
ou bismuticas

TRATA:
genovias des
carnadas

Couto, L^{da} - Porto
L. 5 DOMINGOS - 106

Campanha da Rússia

A "élite" e as massas

pelo tenente coronel LÉILLO PORTTELLA

E

talvez chegado o momento de lançar uma vista de olhos sobre a campanha russa, a fim de determinar as suas características essenciais e delas tirar os ensinamentos. A batalha da Rússia, que teve início em 22 de Junho de 1941, pode dividir-se em dois períodos distintos:

a) **NO PRIMEIRO PERÍODO** — que vai de 22 de Junho até meados de Dezembro — a iniciativa das operações pertence aos alemães.

As características essenciais das batalhas deste período foram:

1.º **A SURPRESA ESTRATÉGICA** obtida pelo ataque alemão, que apañou o comando russo em plena mobilização. Esta surpresa foi confessada pelo russo e justificada pelo Fuhrer em vários discursos.

2.º **A GRANDE CONCENTRAÇÃO DE MEIOS** e os ataques massivos e brutais levados a efeito pelo Comando alemão.

Numa série sucessiva de esforços gigantescos que se sucederam no espaço e no tempo.

Esta atitude está conforme à modalidade de guerra preparada pelo Alto Comando alemão — **Guerra relâmpago**.

As campanhas anteriores da Polónia, da França e dos Balcãs já tinham revelado o método alemão, tendo-se provado que a Wehrmacht constituía uma máquina especialmente apetrechada e adestrada para este género de guerra.

Três milhões de homens admiravelmente treinados. Uma massa de aviação de cerca de 15.000 aviões de primeira linha, e uma massa de tropas mecanizadas de cerca de 20 divisões, tal era o potencial atribuído à Wehrmacht no momento do ataque à Rússia e que foi em seguida confirmado pelo decorrer das operações. Os ataques alemães foram caracterizados pela sua impetuosidade e violência, sem olhar a despesas.

Esta atitude é a base da **Guerra relâmpago**, e já tinha sido preconizada por Hitler nos seus escritos anteriores, quando dizia que: «Mais vale perder dois ou três milhões de homens em alguns meses de campanha, e ganhar rapidamente, do que arrastar uma guerra por muitos anos, o que além de acarretar maiores perdas totais, podia influir no moral da Nação».

Por isso os ataques alemães foram sempre conduzidos com a máxima acumulação de meios humanos e materiais, **sem olhar a perdas**.

O que se impunha, segundo a tese alemã, era **destruir e aniquilar a força adversa** o mais rapidamente possível.

O leitor recorda-se deserto dos comunicados oficiais e officiosos germânicos, onde se dizia, na última fase

da ofensiva: — «Os progressos territoriais são sem importância nesta campanha, o que importa é impedir o inimigo de fugir ao combate, para o destruir».

De facto, segundo as afirmações alemãs, o objectivo era a destruição da **força russa**.

Nós já aqui emitimos a nossa opinião a tal respeito no momento oportuno, não valendo, portanto, a pena exprimi-la novamente.

De momento, apenas desejamos constatar factos passados e verificados, sem os criticar, a fim de poder tirar os necessários ensinamentos.

Exposta sucintamente a atitude alemã, vejamos agora qual foi a russa. O Comando russo, surpreendido em plena mobilização pelo ataque adverso, tomou estrategicamente a atitude de **ganhar tempo**, até conseguir completar a mobilização e realizar as concentrações das suas forças.

Ora para ganhar tempo, quando se possui superioridade de meios, é preciso abandonar espaço, evitando a destruição das forças próprias com uma resistência territorial e local a todo o custo.

Isto traduz-se na prática por uma série de manobras em retirada, que no seu conjunto constituem a **acção retardadora**, precisa para demorar o adversário o **tempo previsto** e conduzi-lo ao **local marcado**, onde se deseja dar a batalha decisiva da mudança de situação.

Na campanha actual o **tempo previsto** foi a época de inverno — Novembro a Dezembro — e o **local marcado** foi a região de Moscovo, onde haviam sido previamente organizadas as posições defensivas.

O leitor já conhece, por aqui as termos exposto várias vezes, as características de combate russa:

a) **defensiva activa** — Marcada pelo emprego constante dos contra-ataques.

b) **actividade das guerrilhas** — No ataque às comunicações.

Há, contudo, uma terceira característica que nos parece interessante local agora.

Pela leitura da imprensa alemã, e mesmo dos comunicados officiosos, de que possuímos numerosos extractos, verifica-se o seguinte:

1.º A batalha das fronteiras foi conduzida pelos russos essencialmente com grandes massas de tropas locais, uma grande parte empregada nos trabalhos de fortificação da chamada **fronteira de interesses**. (Mas que se revelou mais tarde ser uma linha de conflitos).

2.º Que nesta batalha o material e o armamento russo eram de qualidade inferior.

3.º Que a qualidade da tropa e do armamento foi melhorando progressivamente à medida que a retirada se accentuava.

4.º Que na batalha sobre a linha Estaline e sobre o Dnieper já esta qualidade era muito melhor.

5.º Que as melhores tropas, o melhor material e o melhor armamento e fortificações apareceram na batalha de Moscovo, do Donetz e do Mar de Azov.

Dos factos expostos, e já verificados, se pode, portanto, tirar desde já as seguintes conclusões e ensinamentos deste primeiro período da campanha:

1.º Que a Wehrmacht não conseguiu a **destruição da força russa**.

2.º Que, nas suas violentas acções ofensivas, dados os métodos empregados e a natureza própria da «guerra relâmpago», a Wehrmacht atacou com a «élite» do seu exército, tendo, portanto, sacrificado o melhor das suas forças e a massa principal do seu material e armamento.

3.º Que por esta razão se iniciou um segundo período de campanha, onde a iniciativa passou de mãos.

4.º Que o russo sacrificou grandes massas de homens procurando poupar a quantidade da tropa e do material, para a empregar ulteriormente.

b) **O SEGUNDO PERÍODO** — campanha de inverno — apresenta-se também com características idênticas.

Segundo as informações de origem alemã, este período é marcado por três fases sucessivas.

1.º **fase** — Quando o russo se lançou na contra-ofensiva, parece ter-se desenvolvido, por parte do Comando alemão, um esboço de manobra em retirada.

Esta fase teve como resultado a eliminação das diferentes bolsas da frente e a sua rectificação.

Von Brauschitch é destituído do Comando superior que passa a ser exercido directamente pelo Fuhrer.

2.º **fase** — O alto Comando alemão declara então que a frente oriental é um **muro de aço**.

O russo vai atacar este muro, produzindo profundas bolsas e retomando importantes cidades, nós de comunicação e pontos estratégicos de valor.

3.º **fase** — Berlim informa-nos de que a característica essencial da frente oriental era a sua elasticidade.

Esta elasticidade evitava que houvesse rotura em qualquer parte, impedia o cerco e o isolamento de sectores.

4.º **fase** — A frente deixou de ter a elasticidade preconizada anteriormente, e muitos sectores passaram a ser isolados e ali se encontram cercadas grandes massas de tropa e material.

Tal sucede em: Staraya-Russa, em Novgorodo, em Rjev, Viasma, Orel, etc.

Do lado alemão — Observou-se a constituição de grandes centros fortificados em volta das principais aglomerações, pois a vida só é possível onde houver habitações.

Não há, portanto, grandes obras de fortificação de campanha, extensas e contínuas.

Estes centros são ligados por pequenos núcleos de «isbas» ou cabanas improvisadas com troncos de árvores,

onde se alojam as companhias, batalhões e respectivos comandos.

A tática russa tem consistido: 1.º Em atacar estes grupos de «isbas» com pequenos núcleos de tropas especialmente treinadas para tal fim.

Estes ataques são conduzidos por grupos de 200 a 900 homens, utilizando, de preferência, a baioneta e a granada de mão.

Segundo o testemunho de vários correspondentes de guerra, estes grupos atacam segundo um treino e um método longamente preparado, sendo raro compreenderem oficiais ou sargentos.

Isto denota o cuidado russo em poupar quadros.

Uma vez que os grupos de «isbas» forem ocupados, os grandes centros ficam isolados, sendo então montada uma operação de maior envergadura para tal efeito.

Estes centros são em geral cercados previamente, iniciando-se o cerco pelo ataque às vias de acesso e de comunicação.

Assim procederam em Klin, Kalinine, Tschivine, Tula, Malo Yaroslavetz, Mojaisk, etc.

Em suma, este segundo período tem sido como o primeiro, uma guerra de desgaste.

Cabelo FORTE E PUJANTE!



SUSPENDE A QUÊDA DO CABELO FORTIFICA-LHE AS RAIZES E ELIMINA A CASPA

PETRÓLEO QUÍMICO NALLY

Armando Vieira Pinto fala-nos de "Coristas", uma peça condenada e aplaudida

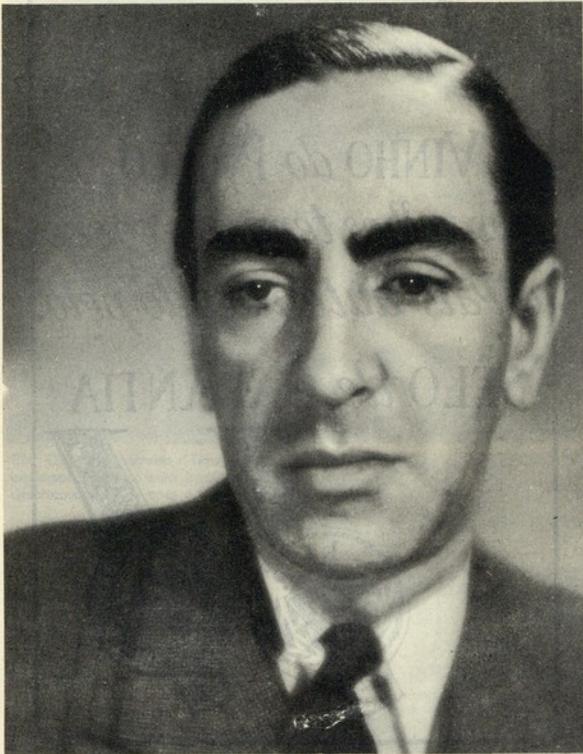
"CORISTAS" é o assunto do momento. Severamente condenada pelo sector dominante da crítica, entusiasticamente e não aplaudida pelo público, a nova peça de Armando Vieira Pinto, actualmente em cena no Teatro Nacional, não se limitou a abrir uma grande clareira de interesse na «apagada e vil tristeza» em que o teatro se estiola. Foi mais longe: tornou-se o assunto obrigatório das conversas lisboetas.

A própria crítica divide-se. Enquanto há quem declare: «a peça não re-

afirmação feita por Louis Jouvet na conferência recentemente pronunciada: entre nós: «Le problème du théâtre c'est le succès». Olhe: Muito do que sei foi-me ensinado pelo meu primeiro chefe de redacção, Acúrcio Pereira, um grande mestre e um amigo particularmente querido. Quando trabalhei sob as suas ordens, aprendi a ter sempre diante dos meus olhos aquêle para quem escrevia: O Leitor. Não me esqueci das lições.

— A que atribue a reacção causada pela sua peça?

— Conforme. Na sua parte favorável, cao desassombro com que ataco, de cara descoberta, e «aparentemente» desarmado, inimigos também «aparentemente» mais fortes do que eu.



Armando Vieira Pinto

flecte a verdade da vida e vai ser um fracasso de bilheteira», não falta quem afirme: «a peça é uma crítica social cruelmente verdadeira e destina-se a um grande êxito de público».

A festa de homenagem ao autor é depois de amanhã. Decidimos ouvi-lo.

— O que pensa da discussão travada à volta do seu novo trabalho?

— Era inevitável. A peça ataca interesses criados. Tornou-se, por isso, pouco simpática a muita gente.

— Trata-se, então, de uma peça de combate?

— Evidentemente. Não creio que a hora presente, pela sua gravidade, se compadeça com o estafado conceito da Arte pela Arte. Chegou o momento de se falar ou escrever para dizer alguma coisa. É preciso concretizar ideias que os homens do passado se limitaram a encerrar como puras abstrações: a justiça, a verdade, a consciência, por exemplo...

— Está de acordo com a crítica?

— Não estou nem deixo de estar. Recordo, apenas, que a minha peça «Desencontro», unânimemente elogiada, lêz dezasete escassas representações, e com receitas muito hipotéticas. De resto, concordo plenamente com a

— Só aparentemente?

— Pois claro? Tenho outras armas e hei-de jogá-las no momento oportuno. Não se cuide que estive apenas a quebrar lanças contra certos erros orgânicos do teatro ligeiro português. Já o disse e repito-o com prazer: A minha peça tem vistas mais largas. Gosto de lutar, e não abandono a luta com duas razões...

— E a que atribue a outra parte da reacção: a dos que condenam.

— Também é facilmente compreensível. Comparámos a organização que permite «aquilo» e outras coisas semelhantes, a uma grande sala com muitas janelas. Que fiz eu? Abri duas dessas janelas e provoqueei uma forte corrente de ar. Alguns micróbios foram desalojados do seu canto infectado, e não gostaram. Vejamos o que sucede quando se escancarar o resto das janelas...

— Está satisfeito com a carreira da peça?

— Muito satisfeito, e por várias razões. Primeiro, porque o público a compreendeu e a aplaude. Segundo, — quero dizer isto com clareza — porque me deu o ensejo de trabalhar com Lucília Simões. Considero Lucília

N.º 1 - EDITION FRANÇAISE

TEMPO

7

C'EST LA MARINE ITALIENNE QUI A PERMIS LE TRAFIC AVEC LA LIBYE

Peçam a edição francesa — Esc. 2500 cada exemplar
48 paginas profusamente ilustradas — Páginas a cores
Preços especiais por assinatura

Distribuição de: AGENCIA INTERNACIONAL
Apartado 373 — Lisboa



UM ASPECTO DA PROCISSÃO DO ENTERRO no largo de S. Domingos.

e Maria Matos as duas maiores artistas de teatro da sua geração, e a uma grande distância. De Maria Matos era amigo há muito tempo. De Lucília passei agora a sê-lo, pois não é realmente possível trabalhar com ela sem que nos conquiste por completo. Tenho de falar, também, da alegria que me causou ter proporcionado a Maria Paula uma oportunidade para se classificar indiscutivelmente como uma bela actriz de comédia. E, já que falo nos artistas, quero dizer-lhe quanto me sensibilizou o movimento de autêntica ternura que os agrupou à minha volta.

— Quere dizer: Além dum êxito artístico, a sua peça proporcionou-lhe alguns amigos...

— Separei o trigo do joio. Conheci melhor os que eram, e passei a conhecer os que apenas o pareciam.

Uns e outros podem contar comigo, num futuro próximo...

— Em resumo: Está satisfeito?

— Completamente. E, a propósito do que se tem dito e escrito sobre «Coristas», deixo-me contar-lhe uma anedota para acabarmos alegremente a conversa. Na estreia de uma das suas peças de maior êxito, Bernard Shaw reparou que, no meio dos aplausos gerais, um espectador pateava. Perdiu silêncio, e disse-lhe: — «Estou de acordo consigo, meu caro senhor. A peça é muito má. Simplesmente, que podemos fazer nós, que somos só dois, contra os espectadores, que são dois mil?»

Aqui tem, meu caro amigo. Quem quiser, que compreenda a moralidade da história. Eu não tenho tempo nem paciência para a explicar...



OS AUTORES DA COMÉDIA «Minha mulher é um homem», em cena no Avenida, com os artistas que interpretaram a peça, no dia da 15.ª representação.



A NOVA DIRECÇÃO DA CASA DOS AÇORES que, recentemente, tomou posse dos seus cargos, com os componentes dos antigos corpos gerentes.



ASPECTO DUM NAVIO DE GUERRA inglês sob a neve — (Foto «Britânico»)



RANGUN, a importante cidade da Birmânia inglesa, recentemente ocupada pelas tropas nipónicas. A foto mostra-nos um curioso aspecto tirado de avião, vendo-se, em primeiro plano, os edifícios da Universidade junto ao lago Vitória.



1942

O
VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



APYROL

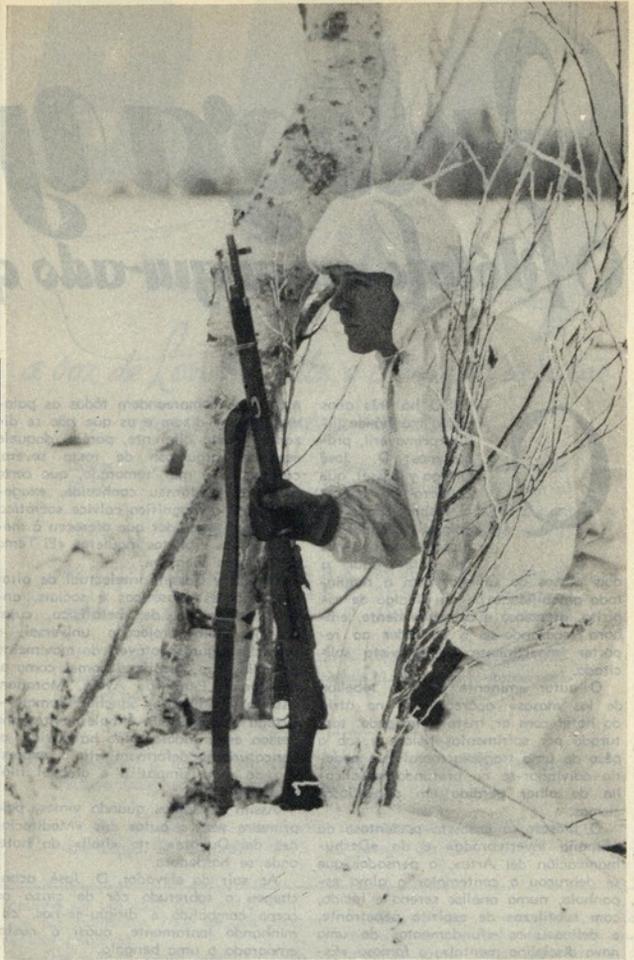
CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL

A venda na Farmácia
Estácio — Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogarias

Os finlandeses lutam em campos de neve

* *LP* de neve



EM CIMA, à direita: Graças ao seu uniforme branco, esta sentinela finlandesa confunde-se com o terreno coberto de neve.



EM CIMA, à esquerda: O comboio militar de reabastecimento acaba de chegar. Os soldados esperam o momento de receber o seu café.



EM CIMA: Uma foto da Carélia que nos dá bem uma visão da terrível guerra moderna na frente oriental: o estado em que ficou uma rua de Kontupohja, incendiada, em grande parte, pelos russos.

À ESQUERDA: Um grupo de «Lottas», raparigas dos Serviços Auxiliares de Guerra, preparam as refeições para os soldados.

Ortega y Gasset

O filósofo amargurado que não fala aos jornalistas!

por CESAR DOS SANTOS

QUANDO há três anos numa manhã de júbilo primaveril, procurámos D. José Ortega y Gasset, que acabara de chegar a Lisboa, no «Highland Brigade», o filósofo recebeu-nos no hotel aqui a dois passos do Chiado, com a requintada amabilidade de um fidalgo de espírito, atencioso e condescendente, embora recusando-se a conceder ao reporter impertinente a entrevista solicitada.

O autor eminente de «La rebelion de las masas» apareceu-nos no ditro do hotel com ar triste e fatigado, torturado por sofrimentos físicos e sob o peso de uma tragédia moral que poderia adivinhar-se na profunda melancolia do olhar perdido em angustiosos cismas.

O filósofo, o ensaísta portentoso da «Espanña invertebrada» e da «Deshumanización del Arte», o pensador que se debruçou a contemplar a alma espanhola, numa análise serena e lúcida, com subtilidades de espírito penetrante, e delineou os «fundamentos de uma nova disciplina mental», o famoso «Espectador» dos «ensaios filosóficos», o doutrinador que deixou um traço luminoso no caminho das ideias contemporâneas, era «um homem sóbrio, quasi severo, máscara inteligente, algumas rugas, sulcos de ideias, um destes ho-

mens que compreendem tôdas as palavras que se dizem e as que não se dizem». Muito diferente, porém, daquele espanhol orgulhoso de rosto severo, carrancudo e mal-humorado, que certo caricaturista tornou conhecido, exagerando até a magnífica calvice socrática do insigne pensador que ofereceu à meditação dos espíritos inquietos «El Tema de Nuestro Tiempo».

Ortega y Gasset, intelectual de altas preocupações filosóficas e sociais, antigo catedrático de metafísica, cujas opiniões têm projecção universal, e uma das figuras notáveis do movimento de ideias que celebrou nomes como os de Ramon Perez de Ayala, Morañon, Ossório y Galhardo, Sanchez Roman—Ortega y Gasset era simplesmente uma pessoa encantadora. Não há dúvida, os caricaturistas deformam até a expressão do mais simpático e amável filósofo!

Assim pensámos quando vimos, pela primeira vez, o autor das «Meditaciones del Quijote», no «hall» do hotel onde se hospedara.

Ao sair do elevador, D. José, acompanhado do sobretudo cor de cinza ao corpo combalido e dirigiu-se-nos, caminhando lentamente, quasi a custo, amparado a uma bengala.

Com o auxílio dos óculos, tornou a ler o cartão de visita que o «groom» lhe entregara e estendeu-nos a mão, a sorrir:

—Muito gosto, senhor! Mas eu sou, também, «periodista» e v. terá para

comigo a atenção de um camarada. Não me deixarei entrevistar, mesmo porque nada lhe posso dizer.

Compreensível a delicada recusa, mas a guerra no país vizinho era um problema angustioso para a Europa, que já presentia a ameaça do grande drama, e a pergunta inevitável foi disparada, quasi à queima-roupa:

—Mas, D. José, o problema da Espanha?

—Nada lhe posso dizer, porque nada sei!—E com o mesmo sorriso cativante:—Se quiser acompanhar-me! Desejo conhecer melhor a cidade de Lisboa, onde estive, há anos, no regresso de uma viagem à Argentina, a sua gente, os seus costumes.

Saímos, pois, do hotel e enquanto o filósofo distraído das suas cismas, ia observando os aspectos e os tipos cidadãos no imponente cenário dessa manhã tédida, radiante de claridade, fomos dizendo dos motivos da sua vinda a Portugal: a necessidade de convalescer de duas operações cirúrgicas a que se tinha submetido há pouco, em Paris. Uma delas deixára-lhe um sulco doloroso e sangrento que latejava nas palpitagens dos novos tecidos em formação, sob compressas e ligaduras.

—Custa-me a andar e há muito que não saio. Estou fraco, doente, preciso de cuidar da saúde abalada. Penso que em Portugal poderei convalescer, com grandes vantagens.

Ortega y Gasset planeava estabelecer um período de repouso no Algarve, talvez uns dois meses, numa casa recolhida entre os silêncios propícios à tranqüillidade do espírito e ao sossego da alma, em sítio de clima seco, com muito Sol e afastado das brisas do mar.

Depois voltaria a Paris. Quanto ao seu regresso a Espanha, de onde soíra em 1936, nada sabia. E nada mais lhe preguntámos.

Lembra-nos, ainda, da emoção contemplativa e do saudosismo que transpareciam no olhar luminoso do filósofo entristecido, quando êsse forasteiro ilustre, acostumado a auscultar os grandes anseios das almas aflitas, quasi se sentia na terra natal, aqui onde tudo «que forma o carácter local é retintamente peninsular», onde «estas casas de «tipo Atlântico», o colorido da paisagem, a transparência do Sol, estas mulheres com os seus chales e seus lenços em bico— tudo isto é andaluz, peninsular, inconfundível.»

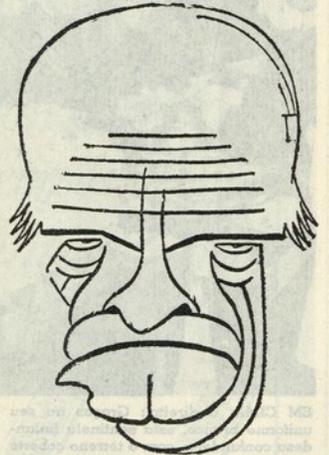
Assim como «o som de um harmónio, por exemplo, tocado na rua por um cavalariço estúpido que passa, consegue, às vezes, orvalhar de sonho a melancolia de um artista», a legenda de sabor campesino em qualquer artéria que foi outrora alameda de um vergel florido, antes que o burgo, esbracejando para além das antigas muralhas, invadisse o arrabalde—essa sugestão bucólica pode despertar na alma de um viajante que se aproxima da pátria, uma evocação enternecida dos formosos laranjais valencianos, debruçados para o Mediterrâneo, sob o azul do céu translúcido, pelos quais Blasco Ibañez suspirava no exílio.

E nessa manhã de claridades de ouro, pareceu-nos que D. José Ortega y Gasset, ao contemplar o Tejo, de um dos miradoiros de Lisboa, era, como

qualquer viajante nostálgico da sua terra—um pouco triste e sentimental. Pareceu-nos até que andavam a viajar saudades na alma do filósofo.

* * *

Depois do seu estágio no Algarve, Ortega y Gasset, que nos dissera da sua ideia de publicar um livro sobre



Ortega y Gasset, mal humorado—tal como o surpreendeu um famoso caricaturista espanhol.

Portugal e os portugueses, partiu para a Argentina.

Quando o filósofo esteve entre nós, a Espanha sangrava, dilacerada pela guerra, numa convulsão tremenda que abalara até os alicerces a estrutura do seu sistema social e as suas instituições políticas. Agora, quando êle volta a Lisboa, a guerra que, pouco depois, rebentou na Europa alastra já a todos os continentes. É natural que um idealista como Ortega y Gasset se sinta angustiado e invadido por desgarradora tristeza. Compreende-se que êle se tenha tornado ainda menos expansivo e procure evitar contactos com a multidão ou arriscar opiniões que poderiam ser adulteradas e interpretadas com diferente significado.

Mas D. José Ortega y Gasset é um magnífico assunto jornalístico e o reporter não pôde furta-se à tentação de ouvi-lo, de novo.

Desta vez, êle não foi para o mesmo hotel e preferiu instalar-se, discretamente, numa confortável pensão, nas proximidades da Avenida da Liberdade, um destes pequenos hotéis, ao jeito moderno, com certo ar elegante, cosmopolitas e movimentados, que surgiram em Lisboa para recolher os refugiados da guerra.

Ali fomos procurar o célebre filósofo. E, como há três anos, mandámos-lhe a «tarjeta» pelo «groom». D. José Ortega y Gasset não veio receber-nos ao ático; apareceu-nos uma senhora, vestida de azul, com um sorriso jovial e gentil, que nos transmitiu o convite de D. José para subirmos aos seus aposentos. Teríamos que esperar um pouco e, além disso, êle «non hablaria para los periodistas»;



Ortega y Gasset, quando, em 1939, passou pelos miradoiros típicos de Lisboa, era um filósofo triste, mas amável e atencioso

quando muito, consentiria em posar para uma foto.

D. José Ortega y Gasset surgiu-nos mal humorado, quiescente, com cara de poucos amigos, quasi terrível.

Recebeu-nos, é certo, com um sorriso, mas um destes sorrisos que se compõem ao abrir o porto a uma visita importuna.

Aquiesceu, de facto, a deixar-se fotografar, porém quanto a entrevistas, foi categórico:

— Não! Não falo a jornalistas! Nunca lhes digo nada, nada lhes posso dizer.

— Mas, D. José, está ótimo de

lidosas esquivas de esgrimista atento, é um fuzilar de perguntas:

— Que nos diz de Espanha? Da Argentina? As Repúblicas Sul-Americanas? A questão internacional?

Como o filósofo ficou exaltado!...

— Não! Eu não posso dizer nada. Não quero que apareçam palavras minhas nos jornais.

— Mas, quando lhe falámos, da outra vez, nada dissemos que não nos tivesse dito.

— Sim, sim! Mas percebe-se a intenção.

Talvez tivéssemos cometido alguma imprudência em arriscar suposições ou



O filósofo, em 1942, mais melancólico, menos expansivo, e quasi terrível para os jornalistas

saúde. Fêz boa viagem? As suas impressões?...

Ortega y Gasset sorriu. Não há dúvida, melhorou muito e, reparando bem, o grande filósofo perdeu a sua magreza espiritual, está gordo, caminha lesto, gesticula, mas fala menos e quando o faz é para dizer, apenas: — Não! Não! — imperativo, resolutivo, inabalável.

É o homem que compreende todas as palavras, as que se dizem e as que não se dizem...

— Não! Eu não digo nada mais! Que quere? Eu não falo para os jornalistas. Não insista, senhor! Eu nada digo!

Ortega y Gasset toma um ar zangado, mete as mãos nos bolsos do casaco, pára no meio do aposento, de sobreenho carregado, disposto a repelir o nova tentativa do insistente questionador.

— Não! Eu não tenho nada que dizer!

É curioso. O tal caricaturista é um tipo de talento. Não se enganou e deve ter visto o grande filósofo assim zangado.

— Mas, D. José, da outra vez, quando ia para o Algarve, pensava escrever um livro!

E agora, sem lhe dar tempo, às habi-

desgostássemos o filósofo por julgá-lo preocupado com coisas sentimentais, que, verdade seja, são mais para pobres-diabos do que para filósofos.

— Podia dizer-nos alguma coisa da conferência que o dr. Gregório Maranhão fez em Lisboa ou do «Prémio Camões», atribuído a D. Jesus Pabon... — Nada, eu não sei nada. Cheguei há pouco, estou alheio a tudo.

Recordamos o caso de Stephan Zweig, o grande amargurado, que sucumbiu ao peso de uma enorme tragédia. Talvez Ortega y Gasset trouxesse da América do Sul subsídios novos que pudessem esclarecer o drama psicológico desse grande psicólogo, fatalista, que, aos 60 anos descobre um tenebroso mistério na sua alma torturada por angustiosas inquietações.

— Estava ainda na Argentina, quando da morte de Zweig? Que nos pode dizer?...

— Nada, não sei nada!

— Diz-se que fará conferências em Lisboa? Tenciona demorar-se aqui? Escrever livros? Regressar a Espanha?

— Não! Não digo nada. Não sei que vou fazer. Não sei mais nada!

— E a guerra!

O filósofo não pode suportar por mais tempo a insistência. Agita-se,

B.B.C.

a voz de Londres fala, e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
13,15	Noticiário	G R Z 13,86 m. (21,64 mc/s)	
		G R U 31,75 m. (9,45 mc/s)	
13,30	Actualidades	G R V 24,92 m. (12,04 mc/s)	
22,00 (*)	Noticiário	G R X 30,96 m. (9,69 mc/s)	
		G S B 31,55 m. (9,51 mc/s)	
22,15 (*)	Actualidades	G R T 41,96 m. (7,15 mc/s)	

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

caminha de um lado para outro, fitando por momentos. Pode ser que desta vez nos responda.

— Que surgirá desta guerra? — não falamos dos arranjos político-geográficos que sairão das futuras conferências da paz, porque nem mesmo os interessados saberiam responder, mas daquilo que, com certeza, preocupa os filósofos os idealistas e os pensadores. — Transformações? Novas ideias?

Então Ortega y Gasset, gesticulando, responde-nos:

— E quere v. que fale sobre isso em dois minutos! Como se fazem as entrevistas... Não! Não pode ser, não tenho papéis. É impossível!

— Talvez queira escrever...

— Não escrevo e não digo nada mais, absolutamente nada!

E voltando-se para nós, abrindo os braços:

— Eu não falo sobre nenhum assunto e estou a ver que tenho de mandar imprimir um jornal deste tamanho — e o filósofo abriu mais os braços — para afirmar isto mesmo.

E nem mais uma palavra ouvimos da boca do grande filósofo Ortega y Gasset, que é um notável jornalista e finge não perceber ser ele próprio um grande assunto jornalístico.

Mas, à saída, cumprimentou-nos com o seu amável sorriso, esse sorriso simples e franco que deixa transparecer a bondade de uma alma generosa, amargurada e cheia de melancolia.

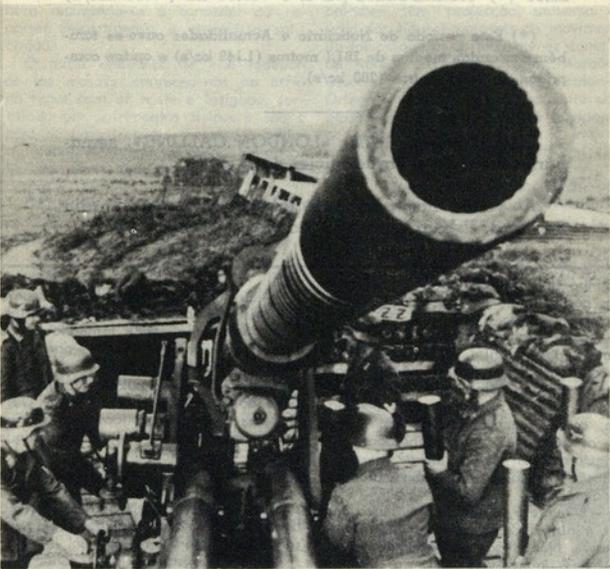
Não, o filósofo não é senão um grande amargurado que procura refugiar-se no silêncio! E não precisa de mandar imprimir o tal jornal para afirmar isto que nós aqui dizemos; ele nada nos disse.



OS SRS. MINISTROS DO INTERIOR E DAS OBRAS PÚBLICAS e sub-secretário de Estado da Assistência, com o prof. Flores e outras entidades que assistiram à inauguração do novo hospital Júlio de Matos.



PATRULHA DE RECONHECIMENTO DO EXÉRCITO DO REICH atravessando um bosque da Carélia.



CURIOSO ASPECTO DUMA PEÇA ANTI-AÉREA instalada na costa do Canal da Mancha.



UMA BATERIA anti-aérea ligeira alemã repele um ataque inimigo a baixa altura, no norte de África.

ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORÁRIO

NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Postos	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	7,50
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	11,00
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	15,30
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	20,10
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	"
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	"
Ondas médias	m. 221.1	(kcs 1357)	20,10
	m. 263.2	(kcs 1140)	"
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	22,10
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	"
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 18	m. 30.74	(kcs 9760)	23,00
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	"

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO EM LÍNGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (kcs 19590) das 11,15 até 11,25

NOTA: Aos domingos, às 20,20 horas, e às quartas-feiras, às 20,10 horas, serão radiodifundidas palestras em língua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS 11695) e 30.52 (KCS 9830)

Os melhores
Atelieres
Gráficos
do País

BERTRAND IRMAOS, L.^{DA}

T. DA CONDESSA DO RIO, 27 LISBOA. TEL. P.B.X. - 21227
21368



NA FESTA COMEMORATIVA do 19.º aniversário da fundação da Milícia Fascista, Mussolini condecora o filho dum combatente.



O ALMIRANTE KING, comandante-chefe da esquadra norte-americana e orientador de todas as operações navais no Pacífico, a bordo do «North Carolina».